# ÓDIO DO BEM

MARCELO VASCONCELO

2023

1 Edição





As incursões aqui implementadas acerca de postulados da psicanálise, psicologia ou neurociência são da ordem da reflexão analítica filosófica, não devem ser entendidas como lições exegéticas técnico/científicas.

Marcelo Vasconcelo

Não afirmo ter exaurido a questão, nem ofereço provas irrefutáveis. Por causa do poder intransponível do viés de confirmação, contra-argumentos deverão ser produzidos por quem discordar de mim.

Jonathan Haidt

# Nota do Autor

Não é que despreze as regras acadêmicas, não é que ignore os lampejos de sofisticação exagerados, na forma e na linguagem, dos trabalhos acadêmicos que me parecem uma espécie de: "Vamos tesouro, não se junte com essa gentalha!". É que aprecio a linguagem simplória e nela vejo valor, pois é assim que o povo se comunica e a literatura é pro povo.

Neste trabalho tão informal quanto desconhecido, procuro fazer uso de abreviações comezinhas da linguagem como "pra", "pro" e suas variações de número. Também faço uso de outras abreviações como: "tão" no lugar *estão*, mas não se confunda com "tão" advérbio, "tá" em vez de "está" e assim por diante.

A forma de narrar os assuntos também mesclei entre o verbo na terceira pessoa do singular, às vezes, e terceira pessoa do plural. As referências e o modo de apresentá-las também foi proposital, não há valoração das formalidades rigorosas que há em trabalhos científicos, por isso o apreço pela liberdade na escrita e na forma, etc, etc, etc.

Estes esclarecimentos se prestam pra evitar comentários periféricos e superficiais sobre este trabalho. Espero que seu conteúdo seja mais atraente que sua forma e linguagem.

Ficha catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Vasconcelo, Marcelo
Ódio do bem / Marcelo Vasconcelo. -- 1. ed. --
Campinas, SP : Ed. do Autor, 2023.

Bibliografia.
ISBN 978-65-00-79444-1

1. Comportamento agressivo 2. Direita e esquerda (Ciência política) 3. Discurso de ódio 4. Ideologia - Aspectos sociais 5. Liberdade de expressão e comunicação 6. Ódio - Aspectos sociais I. Título.

23-170785 CDD-320.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Discurso de ódio : Ideologia : Ciência política
320.5

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

# SUMÁRIO:

DEDICATÓRIA ..... 14

AGRADECIMENTOS ..... 16

INTRODUÇÃO ..... 18

A ANATOMIA DO CONCEITO DE ÓDIO DO BEM ..... 26

O AMOR COMO ESSÊNCIA DO SER ..... 43

JULGAMENTO MORAL COMO RÉGUA PRA HUMANIDADE ..... 63

TEORIA DA AUTOPERSUASÃO OU AUTOCONVENCIMENTO ..... 74

OS ESTUDOS DE HAIDT E MINHA TESE ..... 95

E COMO É ISSO? ..... 105

AUTOPERSUASÃO SUBJETIVA-NEGATIVA DE SUPERIORIDADE E INFERIORIDADE ..... 123

AUTOPERSUASÃO SUBJETIVA-NEGATIVA DE SOBREVIVÊNCIA ..... 136

PRECONCEITO CIRCUNSTANCIAL ..... 152

QUAL A PERTINÊNCIA COM O ÓDIO DO BEM? ..... 165

AUTOPERSUASÃO SUBJETIVA-NEGATIVA DE CONVIVÊNCIA E OBJETIVA-POSITIVA DE CONVIVÊNCIA. ..... 173

A BONDADE COMO ESPELHO ..... 186

Ódio do bem da direita religiosa ..... 190

COLETIVISMO DE GAZELAS VS LOBOS SOLITÁRIOS ..... 196

IGUALDADE, LIBERDADE, DEMOCRACIA E OUTRAS FANFARRICES RETÓRICAS ..... 226

O Caso Daniel Silveira ..... 239

O ÓDIO COMO JUSTIFICAÇÃO DO AMOR ..... 249

PENSADORES OU INCITADORES? ..... 287

O DIREITO E A ESQUERDA ..... 299

O Efeito Camaleão e o ódio do bem ..... 328

DIREITO À LIBERDADE DE EXPRESSÃO VS DISCURSO DE ÓDIO ..... 342

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... 358

# DEDICATÓRIA

Eu poderia dedicar este trabalho a muitas pessoas que me inspiram e me ajudam, mas já tão nos Agradecimentos. Por isso, quero dedicar este trabalho às pessoas que me deram sustentação intelectual pra trilhar esse caminho.

Assim, dedico este simplório trabalho em primeiro e honroso lugar à memória do *Filósofo e Professor Olavo de Carvalho*, por tudo que fez em vida e sua obra continua a fazer após sua morte por nossas crenças e valores. De igual maneira, mas por outras razões, homenageio Jordan Peterson, atual patrono da mais admirável coragem e epistemologia contra o extremismo progressista.

Também dedico a outras pessoas que são colunas de sustentação dos valores cristãos e conservadores, como a historiadora e autora Ana Caroline Campagnolo, à brilhante Ana Paula Henkel, ao corajoso, guerreiro e altamente gabaritado Augusto Nunes e Adrilles Jorge.

Ao inspirador comentarista político, jurista e debatedor por excelência Caio Coppolla, também aos admiráveis Fernando Holiday, Flavio Morgenstern. Ainda, ao inigualável e combativo Guilherme Fiuza.

Não posso deixar ainda de dedicar ao Marco Antônio Costa, ao corajoso e promissor Nicolas Ferreira, ao jornalista (no bom sentido) e combativo Paulo Figueiredo, ao não menos admirável economista e autor Rodrigo Constantino e a todas as pessoas que contribuem pelo Brasil na luta pela liberdade e democracia.

# AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe que sempre me incentivou a estudar, mesmo que nunca tenha estudado na vida; também à memória do meu pai que mesmo não tendo a mesma atenção que minha mãe, me amou do seu jeito.

Agradeço de forma especial ao meu filho, cuja existência condiciona a minha.

Também ao meu irmão, Moisés, pois sempre teve do meu lado me incentivando em todos os meus propósitos. De igual forma, a todos os familiares e amigos que acreditaram em mim.

# INTRODUÇÃO

Muitos dentre nós são assim. Mas, nem todos nós somos assim… Desde que o mundo é mundo nós somos assim, mas, assim como? Assim: Ora estamos bem, ora estamos mal, ora não estamos nem uma coisa nem outra. Há dias em que estamos radiantes e saltitantes (igual ao Randolphe) e outros dias ficamos por um fio pra perdermos nosso réu primário. Dizemos o que dizemos e depois, como se estivéssemos fora de órbita ou tomados por uma espécie de transe, negamos com notável canalhice tudo aquilo que foi dito outrora. Amamos e odiamos com semelhante intensidade, por vezes nos enxergamos no espelho como seres bondosos, empáticos e humanistas, no entanto, agimos de modo contrário àquilo que achamos ser. Somos assim. Somos assim? Como?

Somos um amontoado de afirmações e construtores de certezas frágeis. Nossas convicções, não raras vezes, mostram-se distintas daquilo que acreditávamos há um dia atrás, momento em que o mundo nos confronta com a bigorna da realidade. Dizemos e contradizemos, uns por hábito outros por confusão, mas há ainda os que o fazem por pura tática na obtenção do que querem. Estes últimos são uma espécie de sofistas oportunistas contemporâneos, afirmam aquilo que convém aos seus interesses ou do seu grupo.

Às vezes, dizemos que amamos alguém, movidos por alguma força intrigante de sentimentos que pulsa forte em algum lugar dentro de nós, não sabemos onde isso acontece, mas achamos melhor dizer que vem do coração (uma forma romântica de parecermos idiotas). Outras vezes não suportamos sequer comer um pão e tomar um café com a mesma pessoa. Separados esses momentos, primeiro amoroso e segundo odioso, por alguma intriga comezinha ou mesmo mais séria, por algum espaço de tempo que nada tem a ver com nossa oscilação, mas assimilamos tudo e fazemos associações de causas e efeitos aleatórias pra sedimentar nossas certezas. Na rua, dizemos a um desconhecido que o tempo tá quente, que tá abafado. O estranho, como se nos conhecesse também, reclama da temperatura afirmando que sim, tá muito quente hoje, mas que à tarde deve chover. Três ou quatro meses depois, talvez na mesma rua, fazendo o mesmo trajeto, dizemos a outro desconhecido que talvez esteja de pé ao nosso lado, esperando o semáforo abrir: - Tá frio hoje, né? – O estranho até responde que sim, mas que lá pra quarta ou quinta-feira vai dar uma esquentada. O sinal

abre, andamos pela faixa e seguimos a vida, sem qualquer proveito dos comentários sobre o tempo. Somos assim.

Por que somos assim?

Ao tratar da terra, um camponês resvala sua enxada pra cá e pra lá, passando-a por entre os pés de feijão e arrancando o mato que os cerca. É a boa lida da roça, arrancando as ervas daninhas e matos pra não prejudicarem a lavoura. O homem assobia e solta até alguns cantos, mas num descuido a sua enxada desliza em direção ao seu pé e o corta levemente. O homem a atira ao longe lançando sobre ela alguns palavrões, pois ele não merecia aquilo, é um homem bom, trabalhador. Vai pra sua casa, já com seu pé amarrado com a própria camisa pra estancar o sangue, muito indignado. No caminho, vê outro lavrador com uma enxada arrancando mato na roça também, cantarolando e assobiando. O homem com o pé machucado, então, é visto pelo outro que, ao notar seu pé amarrado com a camisa, dá uma boa gargalhada e o aponta aos demais lavradores. O homem ferido range seus dentes e lança palavras tão ofensivas aos zombadores quanto as que disse com a própria enxada que o feriu. Seu desejo era que eles, os zombadores, tivessem não só o dedo cortado, mas o próprio pé por inteiro, “tomara que uma cascavel morda bem no calcanhar deles”, diz o homem ferido, pois zombavam dele, um pai de família, um homem bom, um cidadão de bem. “Tomara que uma cascavel pule bem no pescoço...”

Ao chegar na sua casa, o homem com o pé machucado vê uma criança batendo no seu cachorro, com

a inocência que só as crianças têm, pois ainda não desenvolveram uma memória de certo e errado ou empatia por quem sofre. O homem, diligentemente, vai até a criança e a repreende dizendo que não faça mal ao animal, pois ele tava quieto no seu canto. A criança, por óbvio, freia seus instintos de satisfação ao machucar aquele bicho, não entende por que não pode fazer aquilo, pois era só um cachorro. Que mal há em bater num cachorro? “Todos batem nos seus cães”, pensa o impúbere de olhos arregalados, sentindo-se injustiçado no seu direito de criança.

Por que somos assim?

Uma mulher feminista que dança seu balé ao som de um violino afinadíssimo tocado por outra mulher, dá suas piruetas e giratórias. A professora grita empolgando-a enquanto a mulher baila, parecendo tão leve e suave quanto uma pena ao ar, pois o ambiente era um verdadeiro lar feminino, longe de homens. Outra mulher, na disputa pela atenção de sua professora e de toda classe, vai se esforçar e bailar mais intensamente, vai girar sobre a pontinha do seu pé enquanto o outro forma um contrapeso erguido. Vai pular, gesticular e coreografar com tanta ênfase e esforço, enquanto o violino a acompanha, que vai cair ao chão. Bem no auge de sua performance. A primeira mulher prende os lábios com notório esforço, como se quisesse impedir que uma gargalhada saísse ainda ao estalar da queda da outra. Ao se levantar, a segunda mulher lança um olhar diretamente à primeira que havia se apresentado, pois sabia que sua queda seria a alegria de sua rival. Naquele dia, a mulher que caiu ao dançar tão

intensamente, foi embora remoendo um sentimento duro e amargo, “Se ela morresse enquanto dorme hoje, o mundo seria mais feliz amanhã”, deseja a segunda bailarina que havia caído.

Somos assim...

Tudo começa com uma mágoa, um “não” ouvido quando se desejava ouvir um “sim”. Quando somos ofendidos, quando alguém nos agride, seja verbal, seja fisicamente. Tudo começa como uma forma de desejo que talvez possa ter como fonte os escombros de nosso inconsciente, aquilo sobre o qual não queremos falar com ninguém. O que não gostaríamos que as pessoas à nossa volta soubessem que desejamos profundamente. Somos assim, ou não? Como nasce a sede de vingança ou até mesmo, simplesmente, de atacar alguém? Nasce, num primeiro momento, da dor, da agressão sofrida, do sentimento de injustiça, da ameaça sofrida ou de outra ação que tenha despertado o desejo de praticar uma violência com quem nos é perigoso ou desrespeitoso. Num segundo momento, porém, o ódio tem sua nascente em atos que variam entre os mais desagradáveis aos mais comuns no dia a dia. Esse sentimento, ou afeto, usando a linguagem da psicanálise, tão forte, tão intenso e não menos corrosivo, nos captura de súbito. Ele nos instiga a ser alguém cujo comportamento repudiamos tanto. Nós sentimos ânsia, como se fosse uma necessidade real ou vital, de odiar alguém ou algo em particular, como se precisássemos dele pra legitimar nossa demarcação de entendimento de ser e de existir.

Mas, por que somos assim?

Somos assim quando, por diversos motivos, por “n” fatores ou por puro gosto pelo confronto e menosprezo do outro, muitas vezes, queremos aplicar-lhes a mesma dor ou constrangimento que sofremos. O ódio que num primeiro momento era despertado pelo instinto de sobrevivência que acreditamos que seja inato a todo ser vivente, passa a ser uma ferramenta de satisfação egocêntrica do “eu”, do centro do universo que pensamos ser. Nem mesmo pessoas que sofreram toda forma cruel de violência, no passado, sentiram por seus algozes tão intenso ardor odioso como certas gerações do século 21.

Há uma espécie de geração pura que tem o intento de corrigir os erros do passado, de compensar os sombrios tempos em que a humanidade não os tinha para defendê-la dos próprios humanos não puros. Essa geração é composta por pessoas que, talvez, sequer tenham dado uma tropeçada na calçada da rua, só pra saber como seria uma dorzinha no dedão do pé, pra só depois entender o que realmente é a dor. Talvez a humanidade não fosse o que é hoje se houvesse essa geração pura no passado, mas agora, finalmente, podem fazer algo: começam por estátuas nas praças e ruas, queimam ou destroem igrejas cristãs (só cristãs), exigem o direito ao aborto indiscriminado (pois alegam que não há vida na formação inicial de um feto), porém, amaldiçoam a sociedade consumista que joga lixo na natureza e destrói ovos de tartarugas marinhas (pois neste caso há vida nos ovos). O ódio da juventude nunca foi tão exacerbado, talvez nunca tenha sido tão instrumentalizado coletivamente por certos projetos políticos. Os jovens revolucionários não precisam

ser oprimidos, pois lutam contra a opressão do passado. E se não houver qualquer coisa contra a qual possam lutar, criam algo e lutam contra essa algo. Talvez inventem uma linguagem própria e exijam que todos passem a usá-la, e quem se recusar será o opressor contra o qual lutarão.

> "A razão de tudo é o ódio à realidade, talvez a recusa de arcar com o peso da própria existência, ou seria apenas uma manifestação de um sonho gnóstico de transfigurar a ordem natural das coisas por meio da auto veneração, quase psicótica, e de truques mágicos como a "reforma do vocabulário" (CARVALHO, recurso digital, 2013).

Agora não precisamos mais nos odiar por conta de um medo ou de um desrespeito ou humilhação sofridos, não sentimos mais ódio somente por sermos agredidos diariamente na escola, na rua, no trabalho ou na faculdade. Não precisamos mais esperar que esse pesado e amargo sentimento nos aborde com toda sua força quando somos desrespeitados e tripudiados com certa constância. Nosso gosto pelo ódio não pode mais esperar ser provocado pela violação de algum atributo que nos pertence. Podemos odiar por motivos pessoais, profissionais, sociais, religiosos, sexuais, de gênero e políticos... Ah! O *ódio político*! Esse é nosso maior triunfo evolutivo psicológico. De repente, descobrimos que não suportamos quem pensa o mundo por uma visão diferente. Podemos, então, não só nutrir o fel amargo correndo em nossas veias, mas expressá-lo publicamente em redes (anti)sociais.

Precisamos mostrar o quanto tão errados discordando de nós, não podem continuar no mesmo mundo que o nosso... precisamos convencê-los a tempo,

ou então, os odiaremos e os excluiremos do nosso meio como a mais repulsiva forma de manifestar nosso apreço pela “democracia” (contém ironias). Agora podemos odiá-los pelo simples fato de serem quem são, de pensarem como pensam e de votarem em políticos que não são os mesmos em quem votamos. Somos bons, somos cidadãos de bem e em outros casos manifestamos o ódio do bem. Nós nos preocupamos com a árvore do quintal, mas queremos eliminar vidas humanas ainda no ventre, pra isso dizemos: não há vida! (ainda contém ironia).

Criamos leis e fortalecemos vínculos coletivos e prol da proteção dos animais, mas desejamos a morte de quem ousa nos afrontar ou ver uma proposição de forma diferente da nossa. Falamos em igualdade de direitos, conclamamos e denunciamos violações de direitos humanos em postagens, manifestações em ruas, em paradas orgulhosas ou em manchetes de jornais físicos e virtuais. No entanto, pro bem da “democracia” que se prega, desejamos a morte aos nossos opostos, pois não podemos admitir que possam viver, falar, trabalhar ou, pior, serem tão livres quanto nós... nós os bons, os puros, os “democratas”, e preocupados com o bem da humanidade. Queremos um mundo livre e igual onde todos possam ser livres pra serem o que quiserem, com exceção de gente como eles, que não querem ser como nós... nós os bons. (haja ironia...).

Podemos odiar em paz agora. Nosso ódio é superior e justo, somos do bem, nosso ódio é do bem.

# A ANATOMIA DO CONCEITO DE ÓDIO DO BEM

Talvez todos já tenham ouvido ou lido algo sobre esta inovadora e criativa maneira de exercer seu mais profundo e amargo rancor. Fala-se muito sobre discurso de ódio, mas e o tal ódio do bem? O que é? Do que se alimenta ou a quem alimenta? Onde vive e de quem emerge ao mundo exterior? E mais, como o direito conversa com essa inovadora prática odiosa. Assim como tantos outros comportamentos sociais surgidos nos últimos tempos como cancelamento e *racismo reverso*, o ódio do bem chama a atenção por ter peculiar consistência e especial *modus operandi*.

Sim. Sua forma de atuação tem o incrível poder de usar o mesmo mecanismo cujo repúdio é proclamado por

quase toda a grande mídia (leia-se consórcio parcial de imprensa). Também pode invocar a mesma violência (que o meio progressista radical diz tanto combater), inclusive tecer comentários raivosos de cunho racista, machista ou homofóbico sem com isso ser notado por quase toda a casta "benevolente e humanitária" jornalística e militante política. Assim, uma pessoa pode usar um termo ofensivo à cor da pele de outra, quando esta pessoa ofendida for branca. E quem liga se é branca, não é mesmo? O que há de mau em dizer que uma mulher negra é *palmiteira* por se relacionar com homem branco? Ou vice-versa? Por que seria errado dizer que uma colega de reality show é *cagada na branquitude*? Não há nada de *racismo reverso* nestas falas, pois tão assentadas no ódio, no inigualável e sublime ódio do bem. Como o direito pode atuar nesses casos? Há base jurídica pra punição a este comportamento?

A resposta a estes questionamentos não é tão simples quanto possa parecer. Odiar alguém não é ato ilícito, mas incitar ou manifestar ódio sim. Este expediente pode até ser invocado como manifestação do pensamento, direito esculpido no artigo 5°, inciso IV, da constituição federal, que diz que é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato. Em alguns casos até se pode lançar mão desse direito pra dar base à esta manifestação, contudo, há casos em que a violação de direito é patente. No entanto, a chamada grande mídia, em parte, e a classe política de extrema-esquerda não dão destaque a fatos promovidos por este inovador mecanismo, por não ser interessante do ponto de vista ideológico.

No exemplo trazido acima, em que uma militante raivosa proferiu a reprovável frase em relação a outra participante branca, dizendo ser esta "*cagada na branquitud*e", não houve alarde. Não houve repercussão revoltosa ou qualquer outra forma de repudiar tal fala por parte daqueles que se dizem combatentes de racismo. Aqui é importante analisar outro fenômeno relativamente recente chamado *racismo reverso*, que seria a manifestação racista de uma pessoa negra em relação a uma pessoa branca. Imaginem a mesma frase dita, apenas substituindo a palavra *branquitude* por *negritude,* e pronto! Teríamos uma manifestação racista pra ser explorada por toda mídia militante e políticos de extrema-esquerda hipócritas.

A constituição federal diz, neste sentido, que:

> VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei.

A nossa magna carta não dá poder pra ninguém excluir outro do direito que assiste todos. Isto posto, se uma pessoa negra sofre racismo por ser ofendida em detrimento de sua etnia, igual direito assiste uma pessoa branca que sofre igual ofensa por conta de sua cor. Negar a proteção do Estado neste particular seria exatamente um gesto racista, ou seja, tratar uns de uma forma e outros de outra por conta de sua cor. Por isso, diz o dispositivo constitucional que ninguém será privado de direito por motivo seja de religião, convicção filosófica ou política. Porém, como foi dita por uma extremista militante, seu ódio

foi absorvido com notória canalhice e cumplicidade, pois neste caso é aceitável ser odiosa, uma vez que quem tá sendo alvo é uma pessoa branca! O direito é impessoal, o direito não é parcial e não tem torcida, diferentemente de pessoas militantes odiosas e racistas. O que ocorre nos últimos anos é uma aplicação do direito e da própria constituição à luz da orientação filosófica ou, principalmente, política do cidadão. Quando juízes e juristas começam a relativizar o direito de acordo com a vítima, o primor da justiça já foi contaminado e o Estado de exceção já se instalou nas entranhas do sentimento de justiça pelo ódio seletivo. É nesse contexto que o ódio do bem ganha força e destrói nossa fé nas instâncias judiciais.

Assim, posso responder à indagação feita acima e afirmar que existem casos em que, mesmo manifestando conduta reprovável moralmente, pode haver respaldo jurídico pro ódio do bem, como o desejo de que algum mal ocorra com determinada pessoa. Desejar é diferente de ameaçar. O Código Penal tem vigência em todo o território nacional e sobre todos os brasileiros e estrangeiros que vivem no Brasil. Qualquer manifestação que infrinja a lei penal deve ser responsabilizada. O que ocorre é que nem sempre o ódio do bem é um ato ilícito, muitas vezes se apresenta como ato imoral ou somente odioso. Pudemos ver isso quando ocorreu a morte da rainha Elizabeth II, em que pessoas públicas (invariavelmente de extrema-esquerda) comemoraram a morte dela e o Twitter não baniu ninguém! O ódio do bem é fofo em redes (anti)sociais, mas o ódio contra quem essas redes apoiam não é bem aceito. Isso não! Ódio do mal não pode! (Esse tipo de ódio é também reprovável).

Eles podem odiar e você que lamente não poder fazer a mesma coisa, porque você não tem o privilégio de ser eternamente uma vítima. Você só pode ter o privilégio de ser beneficiado por ser branco. Branco! *Eca*! Só de falar de uma coisa branca já lembra algo "cagado na *branquitude"*, não é mesmo? Eles podem menosprezar a cor alheia, posto que detêm o monopólio da acusação e da ofensa, como bem disse Danilo Gentili. Se sofrem uma injúria, logo é crime, bradam em alto som e berram aos quatro ventos o quanto são discriminados e ofendidos. No entanto, se proferem injúria, calúnia ou difamação, usando os mesmos adjetivos aos outros, já não se pode mais chamar de crime, uma vez que eles (os radicais) só podem ser vítimas, mesmo que pratiquem algo que considerem abjeto. Eles não praticam violência. Que violência? Só porque brancos foram espancados quase até morrer por manifestantes negros? Será que o *Black Lives Matter* pode ser considerado criminoso ou violento? Não! Só brancos promovem violência, dizem os extremistas *identitários* e os seus tergiversadores comentaristas da mídia militante.

Mas, o que é o ódio do bem, afinal?

É a prática do "amor" dos extremistas (notadamente *identitários*) em forma de energia ou ação negativa, devem pensar. O ódio do bem é uma forma de revolução com sofisticação do ódio e relativização da realidade, de acordo com a conveniência, através dos quais os indivíduos extremistas podem praticar o mal sem ser notados por eles mesmos. É importante destacar que pra haver ódio do bem é preciso haver um suposto repúdio ao ódio alheio. Sem essa noção, ninguém conseguirá entender a diferença entre ódio "comum" e ódio do bem. Foi justamente observando esta oposição esquisita que se passou a notar

o não menos estranho ódio aceitável. Esta nomenclatura só surgiu a partir desta observação e análise dos seus fundamentos e práticas. Como seria possível os mesmos que se dizem combater o ódio manifestá-lo com tanta intensidade e rancor? Isso só é possível se entenderem que o ódio que manifestam não é como aquele que se dizem combater. Logo, se seu ódio não é igual ao mal alheio que imaginam, tão supostamente no exercício de um tal ódio do bem. Esta modalidade de ódio não somente é aceita como é incitada por pessoas ligadas a movimentos ou "causas". Este é um importante fator de justificação, como veremos mais adiante.

Caio Coppolla, comentarista político e intelectual conservador, num dos seus programas na Jovem Pan, teceu o que entendia sobre esse comportamento. Ele disse ser um paradoxo, uma expressão espirituosa (ironia) que descreveria uma certa incoerência de quem fala em bondade e pratica maldade como se tivesse direito a isso por conveniência política e com apoio de seu grupo ideológico (Coppolla, 2022, meio virtual, min. 01:39/09:52). Coppolla ainda descreve com minucioso detalhe como agem esses "virtuosos" odientos na prática. Diz ainda que tal prática emana de ativista que se diz apoiador da democracia, mas vai com máscara pra participar de manifestações e apedrejar os manifestantes contrários a ele. É manifestado por influenciador que diz não apoiar a censura, mas é o primeiro a defender remoção de perfis de redes sociais com os quais não concorda. Vem do suposto bom moço que vive a falar em "mais amor por favor", mas comemora publicamente a morte de pessoas com quem não concorda. Enfim, arremata o comentarista

político e intelectual, que exemplos assim não faltam na esquerda brasileira.

Muito antes de fazer essa manifestação, já houvera uma participação de Coppolla no programa Morning Show, da Jovem Pan, em 2018, no qual a descrição do vídeo é: *"Ódio do bem": Telespectadores boicotam Teleton após ligação de Bolsonaro*. Naquela ocasião, o comentarista criticou a reação odiosa da extrema-esquerda que manifestou, de maneira repugnante, seu mais visceral ódio ao apresentador Silvio Santos e ao evento do *Teletom*. Isso se deu porque naquela ocasião, Bolsonaro havia participado do evento com vistas a impulsionar as doações que serviriam pra amparar e tratar de crianças especiais. O comentarista e jurista identificou aquela reação violenta da extrema-esquerda como sendo ódio do bem. Segundo ele, se trata de:

> "uma figura de linguagem, um paradoxo, um oxímoro. Até por que é impossível você praticar o bem disseminando o ódio. Mas a esquerda é a Disneylândia da contradição. Então, a gente tem a esquerda tolerante que faz injúria racial com político negro. A gente já falou aqui do D2 falando que o Hélio Bolsonaro é um escravo da casa grande. O Ciro Gomes falando que Fernando Holiday é um capitão do mato. A gente tem a esquerda feminista que menospreza as mulheres mais bem votadas da história brasileira, a Joice Hasselmann, Janaína Paschoal. As mesmas feministas que fingem que não veem quando um ator global, petista, cospe em mulher. É óbvio que tô falando de Zé de Abreu. Tem a esquerda democrática que apoia a ditadura na Venezuela, acho que os exemplos mais ilustrativos é Manuela D'Ávila e Guilherme Boulos. E, agora, finalmente a gente tem a esquerda amorosa, né! Que boicota arrecadação de fundos pra crianças deficientes de baixa renda. Então, é uma inversão total de valores. Parece mesmo que o único portador de deficiência

> que essa turma apoia tá preso e em Curitiba e a deficiência dele é moral". (Coppolla, *on-line*, 2018, min: 02:25/03:43).

A expressão, na análise do comentarista, é bem adequada à esquerda, uma vez que diz uma coisa, mas faz outra completamente diferente. Há que se notar que este fenômeno comportamental advém exatamente de onde mais se diz repudiar tais condutas. Nos exemplos citados por Caio, tão aqueles que injuriam negros com os quais não concorda (caso citado do cantor de rap D2), Ciro Gomes que ofendeu Fernando Holiday por ser negro e não pensar como ele (Ciro) e as feministas que ignoraram as maiores votações da história de parlamentares mulheres, etc.

Outro nome importante pra entendermos esse comportamento excêntrico é Rodrigo Constantino. Ele é um dos autores que a mais tempo fala desse estranho comportamento da esquerda radical. Talvez seja a pessoa que tenha popularizado tal expressão, o que possivelmente tenha feito outras pessoas escreverem sobre isso. Há um artigo no site de Veja, de 2016, que segundo pude apurar, seria da autoria de Constantino, contudo, não consegui confirmar. De toda forma, é a referência pública mais antiga encontrada em pesquisas na Web. O estilo é bem semelhante ao de Constantino, inclusive no que concerne as ironias. Num trecho inicial, é dito o seguinte:

> "Vivemos em tempos de muita tolerância e amor, sem preconceitos. Ao menos é isso que a esquerda prega. Mas essa tolerância toda só vai até a página dois. Quando há do outro lado um conservador, um liberal, um homem, um branco, um judeu, um cristão, um republicano (cruzes!), aí está liberado

> destilar todo o ódio existente. Afinal, criaturas abomináveis não merecem nosso respeito. Trata-se de um fenômeno espantoso. E mais chocante ainda é ele passar despercebido pela imensa maioria, que considera normal o duplo padrão moral dessa esquerda, toda a sua hipocrisia, sua seletividade. Exagero?" (VEJA, on-line, 2016).

Note que a estrutura conceitual é igual em todas as referências que já apresentei até aqui. A contradição entre posturas tolerantes, a oposição de ideias e ações, falar uma coisa e fazer outra sempre estarão presentes na descrição deste conceito. Os mesmos que vociferam querer igualdade são os mesmos que discriminam, por algum motivo, aqueles com os quais não concordam. Os mesmos que dizem denunciar racismo são os mesmos que o praticam em nome do que acreditam e assim por diante. Constantino ainda escreveu sobre esse peculiar brinquedo com o qual os radicais extremistas adoram se divertir. Na sua coluna na Gazeta do Povo, ele descreveu esse comportamento num artigo intitulado: *Duplo padrão: o "ódio do bem" ataca novamente (2023, Gazeta do Povo, on-line).* No texto, Constantino desmascara com certa facilidade, dadas as circunstâncias e atos dos militantes, a hipocrisia e conivência daqueles que dizem defender a democracia de supostos discursos de ódio. Assim como detectado por Coppolla, ele cita casos nos quais a esquerda radical promove o que diz combater. Constantino menciona o caso em que pessoas jogaram bola com uma réplica da cabeça de Bolsonaro, o que o autor indaga se fariam o mesmo com uma réplica da cabeça de algum ministro do stf (a pergunta é retórica, claro!). Também cita uma encenação feita com um ator representando o empresário Luciano Hang, dono das lojas

Havan. No vídeo, o personagem é assassinado a pauladas. Voltamos ao que eu dizia anteriormente sobre as contradições e hipocrisia da extrema-esquerda. Produzem os mais viscerais atos de ódio e, com toda canalhice possível, se dizem indignados quando algo ocorre contra quem eles dizem defender. Eis o ódio do bem.

Noutro artigo publicado na sua coluna da Gazeta do Povo, Constantino nos apresenta um texto de autoria de Percival Puggina no qual o autor faz uma imersão histórica sobre as lutas e motivações da esquerda radical no Brasil e no mundo. Segundo reflete o autor, após a derrota das ditaduras comuno/socialistas derivadas de Karl Marx, que teve como grande ato simbólico a queda do muro de Berlim, em 1989, muitos radicais não aceitaram o fato de que os regimes implantados pelo social/comunismo tavam se esfacelando. Pra não deixar as ideias radicais caírem no vão do total descrédito, criou-se na América Latina o famigerado Foro de São Paulo, por Lula e Fidel Castro. Com essa inovadora legenda de ação, passaram a planejar e agir sempre entendendo seus adversários como inimigos. E por serem inimigos e não meros adversários no campo das ideias, passaram a entender que só poderiam atuar se subjugassem seu antagonista com violência. Assim, ainda segundo o autor, os radicais passaram a alimentar disputas com as chamadas lutas de classes, em que só se poderia obter êxito quando uma classe se impusesse sobre a outra. Aí é que emergem as “minorias”. Percival Puggina ainda menciona que, antes de tudo isso, um dos maiores intelectuais e filósofo brasileiro chamado Mário Ferreira dos Santos, já houvera publicado

uma obra intitulada *A Invasão Vertical dos Bárbaros*. Nesta obra, Mário Ferreira dos Santos denunciava o domínio de uma nação pela destruição da cultura da outra. Após destruir a cultura do local invadido, faz-se uma substituição desta por uma inferior, como forma de manipular as massas por meios silenciosos. Puggina conclui que, passado mais de meio século depois da publicação desta obra, é exatamente isso que mais nos preocupa na nossa atualidade. É por meio deste mecanismo e de outras práticas que a esquerda radical atua contra quem enfrenta, buscando sempre "o ódio como fator de luta". Ao encerrar sua exposição, o autor ainda denuncia a conivência do "fã clube midiático" e conclui dizendo que "esse é um ódio do bem" (Puggina apud Constantino, *on-line*, 2020).

Ainda na busca por definição desse comportamento, temos um artigo publicado na Revista Oeste, de uma brilhante colunista que descreve esse ódio apontando o seguinte:

> "Do outro lado do espectro político presenciamos a festa da democracia e da liberdade, com jornalistas em grandes veículos de comunicação celebrando a confirmação de que o presidente contraiu o coronavírus e desejando sua morte. O "ódio do bem" é autorizado e desejar a morte de oponentes políticos é parte da democracia, apenas a celebração dos tempos mais livres da humanidade e da liberdade de expressão em sua totalidade. Para os adversários do governo, tudo bem ignorar legislações e prerrogativas institucionais, prender jornalistas pelo crime de criticar cortes e seus agentes públicos e políticos. Em teoria, para eles, seriam medidas cabíveis contra os que praticam o "ódio ilegal". (Henkel, *on-line,* 2020).